

GRITO

MC 15.37

Ano X - nº 8 - 28 Junho de 1994 - NATAL - RN - BRASIL



O Grito

é órgão de comunicação da Comunidade Fratriarcal, fundado a 19.4.84 conforme letra 'h' do Estatuto Fratriarcal, em Salvador-Bahia.

Coordenação:

. Fratriarcado Geral

Desenho/Arte:

. Ceseano Silva

Redação:

. Carlos Santos

Articuladores:

. Welto - Recife
. Pedro - Rio de Janeiro
. C.de Paula - Belo Horizonte
. Heider - Natal
. Guido - Chile

As matérias não assinadas são de responsabilidade conjunta de O Grito.

Correspondências, colaboração, ajuda, assinaturas, informações, devem ser enviadas para

COMUNIDADE FRATRIARCAL
Caixa Postal 346
59.001-970 Natal-RN
Brasil

Preço deste exemplar:

- . Brasil: R\$ 5,00
- . Exterior: US\$ 10,00

Tiragem desta edição:

500 exemplares

DISCRIMINAR É CRIME

- I - Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição
- III - Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante
- X - São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação
- XLI - A lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais

Artigo 5º
Constituição Federal do Brasil

.....
Se você for agredido, discriminado, perseguido, difamado, proteste. Preconceito é crime.

Com um pouco de atraso chega às suas mãos O Grito nº 8, de 28 de junho/94, edição especial.

28 de junho é o dia norte-americano do "Orgulho Gay". Alguns pretendem que seja o "dia internacional do orgulho gay"...

Quando a cultura machista patriarcal diz que "Viado não é homem" e decreta a sentença de morte, os viados do mundo começam a despertar do sono milenar e a perder o medo. Colocam a cabeça de fora e gritam por Justiça e pelo reconhecimento dos seus Direitos à vida plena como Homem, como Pessoa Humana, membros de uma mesma Humanidade cuja origem é comum a machos e fêmeas, a homossexuais e heterossexuais, a homens e mulheres.

Para os cristãos, "orgulho" é sinônimo de "pecado". Mas, se olhado sob o prisma do oprimido, "orgulho" é virtude a ser conquistada, é auto-estima por sua própria pessoa, é des-cobrir o dom

de maravilhar-se como Homem que, criado à imagem e semelhança do Deus da Vida, é capaz de, pelo amor não procriativo, ser co-criador e transformador do Universo ainda em gestação, na condição de "viado".

Descoberto o seu valor e a sua dignidade, procura unir-se a outros da mesma sorte, organizam-se em grupos na conquista de seus direitos que foram um dia usurpados pelo Direito Paterno de Herança ao surgir e se organizar a sociedade e a cultura patriarcal no mundo.

"Gay" é um termo inglês que significa "alegre". São todos os "viados" realmente "alegres", gays, como pretende a terminologia norte-americana?

No Brasil, o homem que ama e faz amor com outro homem é chamado de "viado". Por quê?

O termo "viado" está associado ao jogo do bicho cujo nº 24 é "veado". O que tem isto a ver com 2 homens que sexualmente se atraem e se amam mutuamente?

No inverno os "veados" machos

dormem e acasalam-se, juntos, para se aquecerem mutuamente no frio. Ali está a razão do termo que no Brasil é associado ao bicho.

E homo-sexual? O termo é composto de 2 palavras:

Homo - significa "semelhante", é de origem grega;

Sexual - é de origem latina, diz respeito ao sexo.

Homossexual significa uma pessoa, homem ou mulher, que se sente atraído ou atraída sexualmente pelo mesmo sexo ou pelo sexo semelhante.

O termo foi criado dentro da militância de homens que sexualmente faziam amor com outros homens. Não foi criado de fora, mas de dentro do insipiente movimento homossexual do século XIX, pelo médico Karoly Maria Benkert, em 1896 na Hungria. E mais tarde, outro médico, Karl Heinrichs, empregou o termo "uranismo", como sinônimo de homossexual. Fazia homenagem à deusa Urânia que seria a inspiradora do amor entre pessoas do mesmo sexo.

Karoly, com o pseudônimo de

Dr. Benkert, lançou um panfleto em 1896 defendendo o direito dos uranistas ou homossexuais e opondo-se à discriminação sexual.

Assim, é preciso desfazer o equívoco de Michel Foucauld quanto ao termo "homossexual" e que a psicologia e a medicina têm se apropriado para enquadrar os homossexuais em seus códigos repressivos.

É preciso, portanto, resgatar os mitos e divindades e a literatura para se ter uma visão clara do amor que une dois homens ou duas mulheres numa sexualidade não procriativa.

Lesbianismo: é um termo usado para a sexualidade feminina entre mulheres.

Embora o termo "homossexual" seja comum de 2 gêneros, o termo "lesbianismo" é mais usado para as mulheres. Muitas não gostam do termo e acham pejorativo.

Entre 625 e 580 a.C., viveu na ilha de Lesbos, na Grécia, um grupo de mulheres liderado pela sacerdotiza e poetiza SÁFOS. Elas cul-

uavam a deusa Afrodite. Sa
 o destacou-se por seus di
 versos poemas que expressa
 am o amor entre mulheres.
 da ilha de Lesbos que vem
 termo "lesbianismo". Vem
 e dentro do próprio movi -
 ento de mulheres que amam
 exualmente outras mulheres.
 m homenagem a Safo de Les-
 os esta sexualidade femini
 a é chamada de "safismo".
 onge de sentirem "nojo" ou
 asco" por si mesmos/as, ho
 ossexuais e lésbicas devem
 entir "orgulho" de serem o
 ue são, criar a sua auto-
 stima, descobrir o seu va-
 or e auto-afirmarem-se co-
 o homens que amam outros
 omens e como mulheres que
 nam outras mulheres numa
 rática sexual não prócria-
 ivae, portanto, subversi-
 a da sexualidade humana. A
 erpetuação da espécie inde-
 ende deste propalado amor
 rocriativo-produtivo prega-
 o pelo cristianismo. Deus
 riou o amor humano com fa-
 etas diferenciadas e não
 xclusivamente heterossexis
 a como pretendem os homofo-
 istas das igrejas. Que se
 evise a doutrina moral das
 grejas pois ela não é cri-

ta e muito menos evangélica.
 É como homossexuais, viados,
 gays, lésbicas, entendidos e
 entendidas que Deus os/as aco-
 lherá em sua Glória, no seu
 regaço amoroso, tais como são
 e não como desejam os heteros-
 sexistas.

Dentre todos os oprimidos e
 oprimidas, homossexuais e
 lésbicas são os mais oprimi-
 dos/as dos homens e mulheres.
 Dentre todos os discrimina-
 dos/as socialmente eles/as
 são os mais discriminados de
 todos/as, entregues à sua
 própria sorte desde a mais
 tenra idade. Para sobrevive-
 rem travam uma luta renhida
 que vai além de suas própria
 forças, pois não contam com
 o apoio do pai, da mãe, dos
 irmãos e irmãs, dos familia-
 res, para conseguirem traba-
 lho e se firmarem na vida.
 São empurrados desde cedo pa-
 ra a prostituição e promis-
 cuidade onde são contamina-
 dos pelas doenças venéreas
 mais diversas. O seu ser de
 homem, o seu ser de mulher,
 é-lhes negado pela cultura
 patriarcal homofóbica.
 Dentre todos os explorados,
 eles/são os mais explorados
 pelos supostos machos patri-

arcais.

Se o dia 28 de junho é consagrado como o "dia do orgulho gay", ele o é para os gays norte-americanos e não para os latino-americanos. Na América do Norte a cultura é outra, o padrão de vida é outro, os costumes e a mentalidade são diferentes.

Imitar os "gringos" e dizer que temos no Brasil um "Movimento Homossexual Brasileiro", é ledo engano. O que temos aqui é grupos isolados que tentam se articular com outros, de maneira ainda insipiente e frágil, lutando inclusive para enfrentar o desemprego, a fome, a falta de moradia, de educação, saúde, etc.

A maioria dos homossexuais brasileiros é extremamente pobre, empobrecida, e, por isto mesmo, duplamente oprimidos: por serem pobres e por serem homossexuais. E se forem negros, mulatos, crioulos e/ou mulheres são triplamente oprimidos/as.

Considerando o contexto brasileiro de dependência econômica, de colonialismo interno e externo, de mimetis-

mo (o agente vive copiando os modelos viciados do outro lado do planeta...), ainda é muito cedo para se falar num MHB.

Assim posto, 28 de junho é dia de luta dos homossexuais norte-americanos; lá eles enfrentaram a polícia patriarcal; lá eles se organizaram em grupos, associações e movimentos diversos inclusive do ponto de vista religioso, aqui não. Lá eles contestam as forças armadas, criticam o governo e reivindicam seus direitos plenos e derrubam as leis homofóbicas. Aqui não.

Aqui, cada militante, cada ativista, cada grupo que surge luta por sua própria sobrevivência, fechados em seus próprios interesses. Estão realmente interessados no bem comum?

E os gays e lésbicas dos países do norte, estão de fato interessados na libertação dos homossexuais do 3º mundo ou fazem alianças apenas com gays e lésbicas da classe média-alta brasileira?

Enquanto os oprimidos não perceberem que carregam den-

tro de si o opressor, pou-
co se avançará na luta e
na conquista de direitos.

O episódio de Stonewall fi-
ca na história dos oprimi-
dos sexualmente como um
exemplo de luta contra a
repressão patriarcal nos
Estados Unidos da América.
Serve de exemplo na histó-
ria da humanidade não para
ser copiado e imitado mas
para mostrar que a "união
faz a força". Em meio aos
cassetetes, bombas e ca-
chorros da polícia norte-
americana os homossexuais
se uniram, se organizaram
e reagiram com pedras, paus,
garrafas e tudo que conse-
guiram e puderam para en-
frentar a homofobia patri-
arcal naquele País do Nor-
te. Na história da milenar
repressão patriarcal aos
homossexuais é a 1ª vez
que os homossexuais reagi-
ram e sem medo enfrentaram
o monstro. Muito sangue foi
derramado... muita gente fi-
cou ferida. Assim será do-
ravante... O episódio de
Stonewall serve como exem-
plo, como estímulo à luta,
mas não deve ser copiado co-
mo fazem os gays brasilei-

ros na sua alienação. A reali-
dade brasileira é outra, o
contexto é diferente. Nós vi-
vemos numa opressão sistema-
tizada, organizada, institu-
cionalizada há 500 anos. A
opressão que aqui se insta-
lou com a chegada dos coloni-
zadores cristãos ela tem uma
raiz profunda no tempo, sufo-
ca o brasileiro até a alma.
Ela é de ordem sócio-econômi-
ca (estrutural) e cultural.
Eis porque a luta dos homos-
sexuais brasileiros não pode
ser "igual" à luta dos que
moram no Norte do planeta.
Aqui milhões e milhões de bra-
sileiros/as, entre eles mi-
lhões e milhões de homosse-
xuais, passam fome, não têm
trabalho, não têm casa para
morar, não têm escolas (é as-
sustador o nº de homossexuais
analfabetos pelo País afora).
A luta de emancipação homosse-
xual no Brasil deve passar pe-
la luta de libertação sócio-
econômica de todo o povo bra-
sileiro. Em caso contrário
ela é mentirosa, enganosa,
falsa, hipócrita, imitacionis-
ta.

Não é uma suposta luta de
meia dúzia de gays e lésbicas

de classe média, muitos buscam do estrelismos, que deve ser considerada luta dos homossexuais brasileiros. A luta pela libertação sexual deve vir associada à luta por melhores condições de vida, pela libertação econômica, juntamente com a transformação cultural, racial, religiosa, etc. O Brasil é um país marcado culturalmente pelo cristianismo, ou melhor, pela homofobia cristã. Se não há uma mudança de atitudes, de mentalidade, pouco resolverá a luta. A mudança quantitativa deve ser também qualitativa.

Que se acabe de vez com essa de "viado coitadinho", de "mulherzinha", de mariquinha ou maricones, como os próprios viados se tratam mutuamente, numa amostra clara de como o opressor heterossexista habita dentro de cada viado brasileiro. Viado não é mulher, por mais feminino que seja. Viado é um homem que sente atração, desejos, amor e prazer com outro homem. Numa pixação numa parede do beco Maria da Paz em Salvador-Ba, estava escrito assim, há cerca de 10 anos:

- "Sou macho porque gosto e amo outro macho".

Tal pixação é a negação pública da redução sexual imposta pelo patriarcado aos homossexuais cujos agentes homófobos insistem em reduzir os homossexuais à condição de "mulherzinha".

Que todos se levantem e sacudam o pó da queda milenar que o patriarcado nos impôs. Que todos se organizem em grupos, associações diversas, e lutem contra o monstro que há milhares de anos se ergueu no seio da humanidade querendo devorar a todos com sua sede de lucro e de poder.

Foi violentado no seu direito de viver? Reaja com firmeza. Nada de medo. Foi espancado? Dê porrada também. Foi agredido? Agrida também. O poder machista patriarcal do seu vizinho, da sua vizinha, do seu pai, da sua mãe, dos seus irmãos e irmãs, dos seus parentes e amigos, do seu pastor homófobo, do seu vigário, do

9
o patrão, etc., só será
rotado no enfrentamento.
s lembre-se; nunca sozi-
o. Una-se a outros e or-
nizem-se na sua defesa.
clare guerra ao poder pa-
liarcal homofóbico.

Stonewall para cá várias
ganizações, grupos, asso-
ações, igrejas, movimen-
s, vêm surgindo no mundo
idental, até na velha
ião Soviética do tirano
alin.

ado unido jamais será
ncido! Acorde para isto
levante-se. Acabe com o
dividualismo e com o co-
dismo típicos de homosse-
ais que se deixaram ven-
r pela cultura da redução
da submissão. Levante-se
enfrente o Leviatã patri-
rcal milenar que pretende
os engolir a todos com
uas sete cabeças... Contes-
e inclusive a imagem que
abricaram sobre Deus, pois
la só serviu até agora pa-
a oprimir e escravizar as
essoas e submeter os povos
o Terceiro Mundo aos capri-
hos da Europa Ocidental e
a América do Norte. Tente
escobrir o Deus vivo que
parece nas relações huma-
as carregadas de sementes

de Justiça e de Amor frater-
no e sororial que se rever-
tem em solidariedade, gratui-
dade, benevolência, graciosi-
dade, abertura ao próximo,
acolhimento incondicional a
toda e qualquer pessoa que
sofre humilhações...

Esperamos e desejamos, pois,
que os homossexuais brasilei-
ros descubram que a vida não
se resume em trepação, cacha-
ça, pegação e dinheiro, como
pensa a maioria, mas na luta
por direito, justiça, liber-
dade, respeito por si e pelos
outros.

Esperamos e desejamos que
gays e lésbicas descubram
que a vida não se resume em
oba, oba, nem em "estrelis-
mos" ou "vedetismos", nem fi-
car cercados de "bofes" ma-
chistas que depois lhes ex-
torquem, exploram, roubam,
cospem e mijam sobre seus
corpos depois do prazer e
assassinam suas vidas.

Com uma sexualidade mal re-
solvida eles transam e sen-
tem nojo do viado porque é
deles mesmos que estão sen-
tindo nojo, pois são incapa-
zes de assumir sua própria
homossexualidade. É como se
sentisse nojo da "escarradei-
ra" que recebeu o catarro do

do seu esperma contaminado com o vírus da opressão machista.

Pensar que a vida se resume em sexo, cachaça e dinheiro exclusivamente, viver mergulhado num consumismo estéril (saunas, boates, barzinhos, cinemas, modas,) denota a alienação, o individualismo, a patologia machista de gays e lésbicas produzidos nestes 500 anos pela cultura patriarcal brasileira. A carapuca cai na cabeça de quem a tem.

Fazer o jogo do opressor é ser igual a ele ou pior. O opressor é sempre um sub-homem, uma sub-mulher. Agir e pensar como ele/a é ser igualmente um sub-homem, uma sub-mulher. Clamar por direito e justiça praticando as mesmas mazelas heterossexistas do patriarcalismo mostra o quanto se está possesso por estas forças de morte... Forças diabólicas que se apoiaram inclusive das igrejas cristãs (injustiça, arrogância, petulância, consumismo desenfreado, deboche, irreverência para com o próximo, descaso com a própria vida, idolatração do lucro e do poder, etc.).

Tais atitudes e como a-
mentos revelam a ignorância, a cabeça estreita e a burrice de gays e lésbicas brasileiros/as, dos homossexuais em geral em nosso país.

Dizem que viado burro nasce morto, o que não é verdade. A Alienação é tanta que ignoram o seu próprio corpo, o seu próprio ser de homem e fazem o jogo do opressor: assim como são explorados, exploram e esmagam outros semelhantes seus. Fazem então o jogo do opressor machista e lhe servem de escarradeira do semem contaminado pelas DST (sífilis, gonorréia, condiloma, herpes e tantas outras desgraças) deixando assim que o HIV entre em suas vidas e as destrua em mais uma guerra iniciada pela homofobia dos patrões, empresários e políticos deste patriarcado monstruoso que se ergueu no seio da humanidade.

Que os viados brasileiros despertem do sono milenar que o pai, o patrão, o empresário, o chefe religioso, o político, o médico e

O cientista nos impingiu a todos e reduziu a maioria da humanidade a uma não-gente. Atirem para longe o medo. Enfrentem, como em Stonewall, a repressão machista, a discriminação social e a seculagem de vez com o levianismo patriarcal. Que lancem ao fogo os deuses da opressão e quebrem os ídolos da morte de homossexuais dentro de todas as igrejas cristãs inclusive. O Deus dos cristãos é um ídolo, é o lucro e o poder que reduz milhões de pessoas. Como todo ídolo é opressor e assassino ele precisa ser destruído para que apareça, sem máscaras, o Rosto do Deus Vivo presente na história do Resgate humilhado da humanidade.

Hoje, em todo o Brasil, são 50 grupos que surgem tentando se organizar na luta por direito e justiça, por relações humanas igualitárias, por respeito às vidas de homossexuais. A maioria é extremamente pobre, não tem sede, não tem recursos e se mantém com a ousadia que caracteriza o oprimido que se levanta. Que todos possamos descobrir

o valor e a grandeza desta luta para que ela não seja uma luta inglória... Que todos descubramos a importância de cada um na transformação da História e da cultura patriarcal.

Aqui está, pois, O Grito fraternal neste 28 de junho de 1994. Ele é um subsídio à comemoração do suposto "dia internacional do orgulho gay". É uma pequena contribuição da nossa Comunidade de fé ao MHB ora em gestação em nosso País. Que possamos realmente construir

1. nossa própria humanização;
2. uma sociedade mais justa, mais humana, realmente mais igualitária

E destruir de fato e de direito

- I - a homofobia reinante em nossa cultura
- II - os ídolos da morte e do extermínio de homossexuais

criando portanto um verdadeiro Reino de Irmãos e Irmãs ou Pratrissororiarcado.

... e assim...

TU ÉS - SOMOS

Marcos Antonio - M.G.

- Pegar, ouvir.
- Sentir o prazer de te ver.
- No mais profundo ser,
- Sentir seu íntimo.
- Querer - Ter - Ser:
- a lua iluminando teu rosto.
- O sol queimando teu corpo.
- Viver dentro de Ti.
- Sentir teu coração,
- O suor descendo pelo rosto,
- Teu corpo aninhando meu corpo carente.
- És vida!
- És luz!
- És caminho!
- És o mais profundo Amor.
- Tu és! Somente És!
- És a vida que alimenta minha vida.
- a luz que me faz ver mais longe.
- O caminho que faz trilhar,
- Sem medo do momento Agora.
- Somos corpos unidos num só.
- Somos luz à procura do lugar divino.
- Chegar - Viver!
- Somos caminhos que trilham
- Num lugar seguro de aconchego.
- Vem!
- Vem ser o sol que me queima;
- A luz que me faz brilhar;
- A estrela que me faz alegre, sorridente, cintilante.
- Você chegou,
- Sendo somente o que és,
- Trazendo a divina alegria
- de me fazer gente.
- Você é! Nós somos.

AMOR ENTRE HOMENS,
MALDIÇÃO E GRAÇA

Carlos Santos

Com este título estamos preparando uma reflexão pastoral para lançar ao público homossexual cristão. Desejamos que todos possamos des-cobrir a Graça de Deus que liberta a vida em meio à maldição, à des-graça humana do patriarcalismo repressor.

O trabalho será publicado, simultaneamente, no Brasil e na Alemanha com o apoio da H.U.K. ainda este ano. Aqui em O Grito lançamos algumas pistas desta reflexão, ressaltando sobretudo a maldição e a graça sob o enfoque bíblico.

I - O amor entre homens,
na aurora do patri-
arcado

Nem sempre a sociedade humana esteve sob o domínio do homem, do pai. Houve momentos em que a economia era coletiva e a sociedade se regia pelo Direito Materno de Herança. Os filhos eram reconhecidos não pelo lado paterno, mas pelo lado da mãe. A mulher-mãe era a Autoridade no seio familiar. Governava as tribos e clãs, administrava os bens. Ninguém passava necessidade. O homem tinha deveres e se não os cumprisse sofreria duras sanções e se não se corrigisse seria expurgado do clã ou da tribo. O domínio total da mulher veiculava a ideologia de que todo homem devia assemelhar-se à mulher. Por razões genéticas, biológicas, a mulher sempre foi mais sedentária, sobretudo no período da gestação e da amamentação dos fi-

lhós, enquanto que o homem era mais livre e podia andar com limitações em qualquer tempo e lugar. Aí dominava sobretudo a agricultura.

O homem foi então domesticando animais, sobretudo o gado. De lugar em lugar foi fazendo o comércio. Foi adquirindo bens e lentamente foi se libertando do domínio matriarcal que o sufocava. Para escapar da ideologização de que todo homem deve ser mulher, reunia-se em pequenos grupos chamados fratrias com outros homens que se identificavam entre si por laços ideológicos, religiosos, políticos e consanguíneos, etc. Eram núcleos tipicamente masculinos.

Adquirindo riquezas e bens, domesticando o gado passou a domesticar o gado humano, a escravizar outros homens para trabalhar para ele. As divindades maternas foram relegadas a 2º plano e enalteceu-se o deus paterno. Enquanto lá a Deusa Mãe era a divindade suprema, aqui o Deus Pai assumiu o trono. Derrubou-se assim o direito materno de herança e criou-se o Direito Paterno de Herança. Os filhos doravante seriam reconhecidos pela paternidade e não pelo lado materno. E só os filhos homens tinham direito à herança.

Qualquer atitude e comportamento oriundo do matriarcado ficou proibido entre os homens. Valorizou-se excessivamente a re-produção da espécie como garantia desse Direito Paterno de Herança. Qualquer comportamento sexual que não procriasse seria abjurado e os atores sexuais seriam duramente punidos.

Para garantir o direito paterno de herança o homem-pai criou a polícia para proteger seus bens e reprimir qualquer atentado ao seu patri-mônio.

E criou o Estado como símbolo do Pai. O Estado seria encarregado de gerir os negócios do pai e normatizar as relações sociais. Surge a Lei para regularizar as normas paternas e enquadrar e punir quem a desobedecesse. De modo que, Lei e Pai são sinónimos.

Toda esta história tem raízes milenares, perde-se no tempo. O poder paterno foi se expandindo. O escravismo foi aumentando na medida que se expandia o colonialismo e a submissão. É por estes meandros da História Patriarcal que os homens que faziam amor com outros homens foram rechaçados e banidos da vida social como párias e criminosos: sua sexualidade não re-produtiva não garantia a perpetuação do direito paterno de herança.

Quando, milhares de anos mais tarde, surge o povo hebreu e quando a bíblia vai ser escrita, a história patriarcal já havia se sedimentado no consciente coletivo. Os autores da Bíblia vão refletir nos seus escritos aquilo que eles mesmos viviam à sua volta. Daí que a homossexualidade e todas as outras sexualidades não reprodutivas vão ser tratadas como abominação ao deus paterno IAHWEH (Javé). Resaltemos, é bom que todos saibam, a Bíblia já nasce dentro de uma mentalidade patriarcal. Ela é posterior, portanto, ao direito paterno de herança e vai refletir o seu momento histórico.

1.1 - o amor entre homens, uma maldição bíblica

Oriunda da mentalidade patriarcal do Oriente Médio, a religião bíblica centrada num deus paterno, expandiu-se para o Ocidente beirando

O Mar Mediterrâneo, instalou-se na Europa e de lá remou pelos mares até as Américas.

A Bíblia continua, ainda em nossos dias, sendo o livro mais publicado e mais lido no mundo ocidental onde ela criou raízes. Este livro sagrado de judeus e cristãos serviu de alicerce à formação da Cultura e da Civilização Ocidental Cristã, inclusive para a formação cultural do Brasil e das Américas. Ela tem sido, ainda hoje, o suporte das condenações e maldições que caíram e ainda caem, sobre os homossexuais masculinos numa cultura marcadamente manipulada por homens.

Aos não cristãos e não judeus ela pouco interessa.

Daí a importância de conhecê-la, de saber sua origem, desmascarar os mitos que ela contém, saber a intenção dos seus diversos autores, saber qual foi o contexto no qual nasceu o discurso ou o texto dos diversos autores sacros. Aqueles que a refutam e repudiam qualquer reflexão partindo dela, fazem-no sem fundamento preciso e não percebem o quanto ela determina a cultura patriarcal do Ocidente Cristão e como dita o comportamento de milhões de atores sociais no Ocidente.

Na formação do povo hebreu a homossexualidade passou pelo crivo dos sacerdotes, escribas e formadores do povo como "abominação" que devia ser punida com a morte.

O binômio patriarcal produção + procriação vai encontrar a sua fundamentação divina na luta contra a idolatria e contra a prostituição sagrada. Uma e outra estão relacionadas com a opressão à qual Israel passou a abominar.

Dentro de um horizonte patriarcal, em oposição à idolatria e à prostituição sagrada, a fecundidade foi enaltecida entre os israelitas e o não-procriativo ou infecundo foi reprimido, rechaçado até a morte. Tal abominação é típica da cultura patriarcal e não é algo específico de um povo.

Considerando-se "povo escolhido" como "reserva" para o "projeto de salvação" e como uma "pertença" a Javé, o Deus dos Pais, o povo hebreu, através de seus líderes, vai então rejeitar qualquer prática relacionada com os ídolos da opressão. Idolatria e opressão são sinônimos e serão "abominadas" por Israel, pois denotam injustiça e escravidão. Israel fora escolhido por Javé para ser um povo livre e não escravo. Escravo ele fora no Egito de onde "a mão poderosa de Javé o arrancou para constituí-lo nação santa, povo régio e sacerdotal" que levaria aos confins da terra o projeto de libertação a todos os povos.

É no contexto da luta contra a opressão e, consequentemente, contra a idolatria reinante entre os próprios israelitas inclusive, que os Autores do Livro do Levítico vão condenar as práticas sexuais entre dois homens, como também o adultério, dentre as outras práticas ditas de "impurezas". Neste rol de impurezas entra a prostituição masculina e feminina. Nenhum fruto da prostituição será recebido e será considerado uma "abominação" a Javé. Neste rol entra a condenação da prática sexual entre homens, pois ela tem origem nos ídolos da opressão e não garante a multiplicação do povo.

A prática sexual entre homens era uma prática

sagrada como rito nos cultos de fertilidade entre os cananeus, filisteus, amalecitas e tantos outros vizinhos de Israel. Rapazes se vendiam ou se alugavam aos templos para aí, com os sacerdotes, praticarem o amor e assim atraírem as bênçãos dos deuses da fertilidade. Os israelitas, povo emergente e ainda em formação, vêem neste rito um ato de idolatria e proibem tal prática nos cultos a Javé, pois Javé não é um ídolo opressor mas um Deus Vivo que liberta Israel da escravidão. E, por esta razão, Javé, o Deus Libertador, abomina a servidão, o escravismo. Acrescente-se a isto a questão da Promessa feita aos Pais, a partir de Abraão, de que, pela procriação de filhos, seria um grande povo, tão numeroso quanto as areias da praia (cf. Gn 12; 13,16; 15). A Promessa de conquista de uma terra onde seriam livres e felizes... a promessa de filhos que fariam o povo se multiplicar e crescer até os confins da terra. E os filhos seriam como "Bênção", aliás, seriam a própria "Bênção" de Javé.

Condenando-se a prática sexual entre homens (homossexualidade), enaltecia-se a fecundidade como "Bênção".

Esta foi a mais terrível e tenebrosa herança patriarcal que um povo, em nome do seu deus paterno, poderia legar à humanidade: o expurgo de seus filhos e filhas não fecundos, não procriativos; a perseguição sem limites, o extermínio e a execração de homens que fazem amor com outros homens e, portanto, a maldição de um amor infecundo cujo nome seria mais tarde proibido de ser pronunciado. Durante a inquisição medieval era chamado de "hediondo

pecado cujo nome nem o diabo ousa pronunciar", conforme está escrito nas documentações do primeiro arcebispado da Bahia no período colonial. Este mesmo nome é ainda hoje proibido de ser pronunciado entre as diversas famílias cristãs de todas as igrejas.

Apesar das proibições, do rigor da lei e da pena de morte impingida aos homossexuais, estes nunca deixaram de existir entre os israelitas (nem poderia!) e não eram molestados pelo povo.

Num contexto de "maldição", tudo que se poderia dizer ou escrever desse amor proibido foi banido da Bíblia ou nunca chegou a ser escrito...

Era um amor maldito entre os hebreus que precisavam crescer e se multiplicar" (Gn 1,28) como o povo da promessa na conquista da terra de Canaã.

1.2 - da maldição do amor à experiência do amor entre homens na bíblia

Deixando de lado as "abominações", vamos nos ater à experiência amorosa ou à paixão entre dois personagens famosos da Bíblia os quais os canonistas não puderam esconder e que os teólogos e pastores de hoje se esquecem. Vamos refletir sobre o amor entre dois jovens rapazes, viris, guerreiros - Davi e Jônatas (cf. 1 Sam 18, 1-30; 20,1-43 e 2 Sam 1,26). Nesses dois livros históricos encontramos o relato da profunda amizade que unia esses dois rapazes.

Se desejamos saber o con-texto dessa história de amor e guerra, nós nos deparamos com uma situação de guerra encarniçada entre israelitas, filisteus e amalecitas, na luta pela conquista da terra: a crueldade das rivalidades e dos combates entre tribos e clãs pela conquista e do-

minação da terra.

É nesse contexto sangrento que Davi e Jônatas se encontram. Era o fim do 2º milênio antes de Cristo.

Quem eram esses dois rapazes?

Jônatas: era filho de Saul, o primeiro rei que se impôs às tribos israelitas com o apoio do profeta Samuel.

Davi: era o último filho de um construtor de Belém. Aparece no contexto como guerreiro e como músico.

A Bíblia relata que Davi era belo "com belos olhos e traços agradáveis" e que "falava bem e era bem feito". Falando da formosura de Davi a bíblia diz também que "Javé estava com ele".

No relato de 1 Sam 18 percebemos que "algo" acontece desde o primeiro momento em que Jônatas se encontra com Davi. Diz o texto:

"Sucedeu que, acabando Davi de falar com Saul, a alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi; e Jônatas o amou, como à sua própria alma. Saul, naquele dia o tomou, e não lhe permitiu que tornasse para casa de seu pai" (1 Sam 18,1-2).

Eram jovens rapazes, da mesma idade, que se amavam e que entre si fizeram uma aliança, um pacto, "porque Jônatas amava Davi como à sua própria alma" (1 Sam 18,3).

Quando Saul, enciumado e enfurecido, quer matar Davi, Jônatas o esconde e o protege da fúria do pai. Lá no campo, onde Davi estava escondido, os dois se encontram, se abraçam e se beijam, selam entre si nova aliança. O capítulo 20 de 1 Sam é rico e belo nos detalhes da narração. Vejamos:

"... levantou-se Davi do lado do sul,
e prostrou-se rosto em terra três ve-
zes; e beijaram-se um ao outro, e cho-
raram juntos, Davi, porém, muito mais.
Disse Jônatas a Davi: Vai-te em paz,
porquanto juramos ambos em nome do Se-
nhor, dizendo: O Senhor seja para sem-
pre entre mim e ti" (1 Sam 20,41-42)

No meio da guerra encarniçada entre israelitas,
filisteus e os transjordanianos da época, os he-
breus sofrem dura baixa e Saul com seus três fi-
lhos, entre eles Jônatas, são mortos. Quando a
notícia chega a Davi, este chora copiosamente,
compõe e canta este admirável texto de lamenta-
ção fúnebre:

"Jônatas, meu irmão;
estou angustiado por causa de ti!
tu eras amabilíssimo para comigo!
Teu amor me era excepcional
ultrapassando o amor de mulheres.
Como caíram os valentes,
e pereceram as armas de guerra"

2 Sam 1,26-27

Não precisa ser nenhum especialista em ciências
bíblicas, nem psicólogo, para reconhecer que en-
tre esses dois jovens rapazes havia um amor muito
forte, uma paixão verdadeiramente homossexual, pois
se trata de dois homens que amam com intensidade.
Dois homens viris, ressaltemos.

Assim, a experiência homossexual do amor, que a Bi-
blia nos apresenta não é o amor heterossexista,
amor entre um macho e uma fêmea, entre um homem e
uma mulher, mas o amor entre dois homens iguais
que são reconhecidos pelo seu povo como Homens e

não reduzidos na sua personalidade como a antropologia patriarcal fez ao longo destes milênios.

II - O amor entre homens brota da maldição patriarcal como Graça Libertadora

O que significa, teologicamente, o termo "Graça"? O termo "Graça" vem do hebraico e significa "demonstrar favor". É usado nas relações entre os homens, sobretudo em relação aos necessitados, aos pobres, aos órfãos, aos indefesos, a todo aquele que esteja em necessidade e sejam ameaçados. Quando o termo é usado a respeito de Javé, vê-se nele a própria benevolência. O favor ou a benevolência de Javé não está sob compulsão. Ele o demonstra a quem ele quer, é absolutamente livre para concedê-lo ou recusá-lo (cf. Ex. 33,19).

No Novo Testamento a benevolência ou a bondade de Deus vem de um termo grego "Charis". "Charis" é o amor que vai além de si mesmo - Charitas. Charitas é o amor tornado em ato ao próximo mais próximo e que precisa de apoio, solidariedade, que está em dificuldades, etc. A graça é algo que é dado, que é recebido, é uma realidade no cristão e no mundo onde vive o cristão. É o princípio de vida nova e de ação cristã.

Sob o ângulo da teologia sistemática o termo "Graça" traduz a experiência cristã mais originária e original; por um lado, de Deus, que tem uma profunda simpatia e amor para com o homem a ponto de se dar a si mesmo; e, por outro, do homem capaz de se deixar amar por Deus, abrindo-se a ele também ao amor e ao diálogo filial. O resultado desse encontro é a beleza, a graciosidade, a bondade que se reflete em toda a criação, mas de modo especi-

al no homem e em sua história. Ele é bom, gracioso, agradecido, belo, cor-dial, miseri-cor-dioso porque foi visitado por Deus miseri-cor-dioso, cor-dial, belo, agradecido, gracioso e bom, que o fez ser aquilo que é.

"A graça quer dizer a presença de Deus no mundo e no homem. Quando Deus se faz presente, então o que estava doente fica bom, o que estava decaído se levanta, o que era pecador fica justo, o que estava morto torna a viver, o oprimido experimenta a liberdade e o desesperado sente o aconchego e a consolação. (...) Graça é, por natureza, o rompimento dos mundos fechados sobre si mesmos. Graça é relação, é êxodo, é comunhão, é encontro, é diálogo, é abertura, é saída, é história de duas liberdades e encruzilhadas de dois amores" (Boff, Leonardo in "A Graça Libertadora no Mundo")

Explicado o termo "Graça", fechemos nossos parênteses explicativos e retomemos nossa viagem pelo mundo da Bíblia para, em meio à maldição do amor entre homens, des-cobriremos a Graça, a vida nova de Deus que aparece no amor entre dois homens.

2.1 - Sodoma e Gomorra símbolos da des-graça do amor entre os homens

Se de um lado Sodoma e Gomorra serviram de símbolos das condenações e maldições aos homossexuais há milhares de anos pelos cristãos homófobos, o amor entre Davi e Jônatas nos aponta um sentido contrário à maldição - o caminho da Graça que seu amor percorreu em meio à cultura machista dos Autores da Bíblia e que a própria bíblia não conseguiu ocultar, apesar de todas as burilações que o seu texto sofreu ao longo dos séculos, sobretudo com o surgimento das

igrejas cristãs, notadamente a partir do século IV.

Nosso desejo aqui, como Comunidade de Fé que luta contra todas as discriminações sociais, inclusive a de ordem sexual, é que os cristãos e as cristãs se abram ao apelo da Graça do Divino Amor, deixem-se penetrar por ela e revisem seus discursos tão carregados de des-graças.

Nem tudo que é pregado nas igrejas como "Palavra de Deus" merece crédito. Muitas palavras do Diabo foram introduzidas e assimiladas nas igrejas e travestidas como "palavra de deus", como é o caso das cartas paulinas carregadas de preceitos da filosofia estoica. Está na hora, e já passou, de desmascarar a grande mentira que tanto oprimiu a humanidade durante milhares e milhares de anos e contribuiu já neste século XX para que Hitler condenasse dois milhões de homossexuais à morte, Stalin exterminasse outros tantos e os machos patriarcais continuem perseguindo, execrando, roubando e assassinando milhares pelo mundo afora em nome da defesa da honra ou da sua doutrina. A homofobia desses homens fabricaram a AIDS como forma de extermínio aos homossexuais e hoje espalha o terror e o banditismo aidético pelo mundo afora, acusando inclusive os homossexuais como os responsáveis pela disseminação da doença, quando os machos heterossexistas são os grandes responsáveis pela disseminação das DST entre suas mulheres, amantes, etc. Ao longo desta história patriarcal monstruosa os homossexuais têm sido vítimas de uma situação injusta, degradante e desumana.

Partindo da história de Davi e Jônatas, o mundo fechado do machismo bíblico se abre então e nos revela o amor incontido que unia aqueles dois rapazes e nos mostrava graça de Deus que estava entre eles.

O pecado de Sodoma e Gomorra foi o pecado da injustiça que tanto a bíblia condena. Mas os cristãos homofóbos transformaram o pecado da injustiça em pecado sexual com seus discursos procriativos e monogâmicos e, em vez de fazer surgir a Graça do Deus Vivo entre os homossexuais espalharem o terror e a des-graça entre estes pelo mundo afora. Sinal de que cristãos e cristãs não creem em nada do que pregam a não ser no poder do lucro, no baal do nosso tempo.

2.2 - Cristianismo e Homossexualidade, um caminho para a Metanóia do Reino

Está na hora, e já passou, de as Igrejas cristãs des-cobrirem o seu próprio pecado e saberem que elas, direta e indiretamente, são responsáveis pelas discriminações sociais e pelos assassinatos de homossexuais no mundo ocidental, sobretudo agora em tempos de Aids. Quando elas fomentam de seus púlpitos e de seus documentos os preconceitos e as discriminações; quando incentivam os Estados Patriarcais e seus governos a negarem o reconhecimento de homossexuais como cidadãos; quando incentivam a negação ao direito da casa própria e da propriedade, quando negam o direito ao trabalho, estão elas sendo portadoras da Graça de Deus que é beleza, formosura, gratuidade, benevolência, vida nova, liberdade, comunhão? No confronto com a prática de Jesus que tornou-se solidário com os mais des-graçados dos homens e mulheres do seu tempo, percebemos que os cristãos e cristãs des-conhecem o processo de Metanóia, condição sine qua non para se alcançar o Reino de Deus. Ou será que o deus cristão é um ídolo chamado lucro, poder, dominação, redução do outro, assassino do irmão como a história colonial tem demonstrado?

No Brasil, sociedade e cultura forjada sob a égide

do cristianismo colonial, mais de 1.200 homossexuais foram assassinados com toda a impiedade nestes últimos 10 anos e seus assassinos continuam impunes, segundo pesquisas do GGB. Neste 1º semestre/94, cinco homossexuais foram assassinados e os criminosos continuam soltos. Para a polícia brasileira, crime contra homossexuais é considerado "crime leve" e os assassinos são tidos como "primários", pois homossexual não é gente, não é homem, como não o era o negro na época colonial e por isto não podia ser "batizado".

Se, como homens de fé, somos atentos aos textos sagrados da Revelação judeu-cristã, percebemos que muita coisa é mal traduzida, mal interpretada e mostra uma ignorância grande dos tradutores com relação ao hebraico, ao aramaico e ao grego comparados com as línguas modernas. Esse desconhecimento profundo das línguas antigas em que os textos foram escritos faz com que os tradutores da bíblia vistam sua linguagem com a camisa de força da ideologia patriarcal do Ocidente que reduz e exclui o outro, a alteridade. O fechamento e a solidão do homem ocidental leva-o a eliminar o outro como o fez Caim em relação a Abel. Se somos atentos aos textos sagrados da Revelação judeu-cristã, percebemos que ela é destinada aos excluídos. Em meio à exclusão patriarcal a Graça do amor de Deus pelos homens e mulheres aparece como sinal libertador da vida. Se não, vejamos:

Na sociedade judaica o Eunuco era proibido de participar da administração pública, de entrar no Templo e de participar das Assembléias litúrgicas. A mulher estéril era tida como amaldiçoada e os homossexuais execrados até a morte como também a mulher adúltera. Estes estão no rol dos infecundos, na lista dos não procriativos e nos quais a Promessa não se realiza.

Apesar disto, é nesta bíblia que a Revelação vai nos

dizer que o eunuco será introduzido na casa do Senhor, a estéril será abençoada, a prostituta e todo o resto social convidado a participar do Banquete e acolhidos/as por Deus no dia do Juízo e todos cantarão de alegria. Assim,

"Cantou-se pela primeira vez em Israel e contra toda glorificação anterior da fecundidade, a grandeza da mulher estéril que levou uma vida irreprovável. Feliz também o eunuco, que não cometeu injustiça, nem pensou coisas más contra o Senhor. Ele, por sua fidelidade, receberá uma graça especial e uma recompensa invejável no templo do Senhor" (Sb 3,13-14).

Se para os homófobos cristãos das diversas denominações evangélicas, o livro da Sabedoria não merece crédito (muitos o consideram "apócrifo"), vejamos o profeta Isaías tardio que, canonicamente, é aceito por todas as igrejas:

"Aos eunucos que guardam os meus sábados, escolhem aquilo que me agrada, e abraçam a aliança, darei na minha casa e dentro dos meus muros um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará" (Is 56,4-5).

Nestes e em tantos outros textos o que conta para Deus não é ter filhos e filhas, mas a fidelidade ao Senhor e à Justiça.

Mergulhando agora nas águas do Novo Testamento, os

- Evangelhos são de um silêncio grande quanto aos homens que amam outros homens, mas de um grito estrondoso em defesa de todos os excluídos da sociedade. Jesus é apresentado como homem solteiro, o Messias prometido que resgatará Israel, que vem em busca dos perdidos e dos últimos da casa de Israel. E mostram que o Reino começa a se realizar com os socialmente excluídos... Todos os evangelhos são pontilhados destes episódios em favor dos excluídos. Assim nos apresentam a Parábola do Filho Pródigo, da Ovelha Perdida, da Dracma perdida, do Tesouro Escondido, e as diversas curas realizadas por Jesus entre os excluídos do seu povo: o homem da mão ressequida, do paralítico, da sogra de Pedro, do cego, dos leprosos, etc. Todos os excluídos são atingidos pela Graça, pela ternura, pela miseri-cór-dia de Deus.

As curas e milagres (sinais) se resumem nisto:

integrar todos/as os excluídos/as na construção do Reino com relações igualitárias, com salários justos e mesa farta (banquete, multiplicação dos pães), todos saudáveis, onde ninguém seja privado de ter e de ser, onde toda dor, sofrimento e pranto serão destruídos, "fazendo novas todas as coisas (Apoc. 21,5).

Jesus subverte a ordem patriarcal estabelecida que empurrava as pessoas para a margem da sociedade e cria uma nova ordem ética, um novo tipo de relacionamento humano e social entre os seus ou Fratriarcado, um Reino de Irmãos, melhor dizendo: um Reino de Irmãos e de Irmãs ou Fratrissororiarcado. A condição sine qua non para esse Reino de Irmãos e Irmãs ou Fratrissororiarcado é a metanóia, mudança radical de atitudes, nascer de novo, romper com o velho homem, com a velha mulher, com o velho mundo, na-

...ra que o novo desabroche e a vida seja libertada. O novo irrompe das contradições do velho mundo.

Ele se apresenta diante dos problemas sexuais de seu tempo com uma naturalidade sem medidas, a saber da questão da mulher adúltera que estava para ser apedrejada. Fica silencioso... questiona os apedrejadores... estes se retiram... e inicia-se o diálogo:

- "Mulher, ninguém te condenou?

- Não, Senhor.

- Então eu também não te condeno.

Vá em paz e não peques mais."

É bom ressaltar que adultério, prostituição e homossexualismo eram condenados pela Lei com a pena de morte na defesa da procriação como "bênção".

A par da prática de Jesus com relação aos excluídos do seu tempo, sabemos então que nenhum homossexual fora excluído do seu convívio e do convite para integrar o Reino de Deus.

O futuro do cristianismo na América Latina será garantido se os cristãos entrarem definitivamente no processo de conversão ao outro, ao diferente, à alteridade. As igrejas só sobreviverão se mudarem radicalmente seus discursos repressores e entrarem de cheio na Metanoia do Reino. Caso contrário, cedo ou tarde, elas sucumbirão com o patriarcado que as sustentam. A história caminha para frente, apesar de todos os freios impostos a ela. É uma questão de tempo.

III - Oprimidos sexualmente, libertados pela Graça

Se a questão homossexual está relacionada com a fecundidade, então é admissível que, como os eunucos e a estéril, os homossexuais sejam também benditos no dia do Juízo e tidos como prediletos de Deus, se

eles/as foram portadores da justiça e libertação dos outros e não repetiram as mazelas do patriarcalismo.

Assim, descobrimos que a Bíblia lesma a grande mentira na qual o mundo patriarcal se assentou e começou a reger a humanidade com o cetro de satanás, o machismo. E com a própria Bíblia desmascaramos a mentira dos bibliólatras (adoradores da Bíblia) que andam a pregar por aí cheios de homofobia para esconderem a sua própria frustração sexual e afetiva. Assim,

- o pecado de Sodoma e Gomorra não foi por causa da homossexualidade de seus habitantes, mas

... "é atribuído às iniquidades, matança de inocentes, injustiças contra os mais fracos, orgulho, opulência, gluttoneria, ociosidade, hostilidade para com o estrangeiro, sem nenhuma especificação de ordem sexual" (Leer, Bernardino in "Homossexuais e ética da libertação", Perspectiva Teológica, pág. 303, 1988).

- Davi foi o amante apaixonado do jovem Jônatas e mais tarde tornou-se um rei adúltero, criminoso e posteriormente arrependido. Apesar disto, a história judaica o apresenta como o Santo Rei Davi a quem Israel deve a sua organização como nação. E na genealogia de Jesus no Evangelho de São Mateus ele aparece dentre tantos outros marginais, como sendo os tataravós de Nosso Senhor Jesus Cristo para a Glória do Deus vivo.

- Os eunucos que, por serem castrados ou infecundados, eram proibidos de participar da vida social judaica, são apresentados como prediletos

que entrarão na casa do Senhor e terão um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas".

E, considerando a prática de Jesus, afirmamos que os homossexuais, até hoje execrados pela cultura e civilização ocidental cristã, serão cobertos com a Graça do Deus vivo que abomina a injustiça e convoca todos os oprimidos sexualmente para se reunirem na Congregação dos Santos e Santas que constroem o mundo novo com a Humanidade nova transfigurada pela Justiça e pelo Amor.

O amor é uma troca. Quem não faz a experiência da troca não tem capacidade de amar.

A experiência do amor ou se faz numa vida a dois ou numa vida verdadeiramente comunitária. Comunhão é amor. Como falar deste amor se nunca amarem? O amor não é uma idéia de amor, mas uma experiência.

A relação sexual não é necessária fisiologicamente, mas ela é uma maneira de descarregar as pulsões (desejos), ela cria uma distensão dessas pulsões. Assim, a relação sexual deve tender para o imprevisível. A imaginação erótica é importante numa relação, haja vista que, se os dois, todas as vezes fazem sexo da mesma maneira, esses dois tendem a cair na monotonia.

A experiência sexual, fruto de um amor verdadeiro entre as duas pessoas, é uma experiência trinitária: quando duas pessoas chegam a um orgasmo perfeito é nesta comunhão que se retrata a Vida ou a Comunhão Trinitária.

E mais, a experiência sexual amorosa entre duas pessoas que se querem bem, que se amam, é uma experiência de morte e ressurreição: quando nos damos mutuamente um ao outro, amorosamente, no orgasmo sepulta-

mos nossas velhas pulsões (desejos) tão carregados de tantas mazelas e aí ressuscitamos como pessoas novas, livres, alegres.

Que a história do sacrifício de Abel não se repita doravante no seio da humanidade tão sofrida, gritante e desafiada pelos poderes da patriarcalidade dos cristãos e cristãs.

A leitura ética da bíblia nos leva à conversão ao outro, ao próximo, a Deus, quando é eticamente boa, conforme diz Enrique Dussel. Quando é eticamente má (moral, moralizante) tal leitura nos leva à aversão, à rejeição do próximo. A leitura fundamentalista da bíblia, tão comum entre os evangélicos, gera aversão ao outro, nega a alteridade e promove o assassinato da vida no mundo. Eis Caim...

I ENCONTRO NORDESTINO DE HOMOSSEXUAIS CRISTÃOS:

será possível? vamos pensar nesta possibilidade?

. como seria? com quem seria? quando seria?

. que temas abordaremos? quanto custaria tal evento?

Escrevam-nos dando sugestões. Aguardamos suas notícias.

DOACÕES LITERÁRIAS:

Procuramos literaturas, livros, revistas, etc., que falem sobre os mitos e divindades antigas que se referiram à homossexualidade. Necessitamos dessas obras para elaboração de uma Teologia da Homossexualidade. Enviem-nos com urgência.